

BRASIL-PORTUGAL

16 DE MARÇO DE 1905

N.º 148

O Imperador da Alemanha



Cliché Benoit.

S. M. I. Guilherme II

Fardado de Coronel de Cavallaria 4

(Cópia de um quadro a óleo que existe no quartel de cavallaria 4)

CHRONICA

Enceta se esta quinzena com duas visitas reaes. Antes mesmo da chegada do Imperador da Allemanha a que já alludiu a *Chronica* no ultimo numero, vae Lisboa ter a honra de receber a Rainha de Inglaterra, visita para o paiz grata a mais de um titulo.

A alliança entre Inglaterra e Portugal tão confirmada não só pelos tratados dos governos, mais ainda, pelo sentimento dos povos, fortalece-se com o estreitar das relações entre os seus soberanos. A' visita tão gentilmente espontanea do Rei Eduardo precisamente ha dois annos correspondeu, ainda a convite do mesmo soberano a viagem, no ultimo outono, do Rei e da Rainha de Portugal a Londres. A' forma tão carinhosa e entusiastica como Windsor e a capital da Grã Bretanha acolheram El-Rei D. Carlos e a Rainha D. Amelia, corresponderão agora a alegria sincera e as ruidosas saudações com que a capital portugueza vae acolher a Rainha Alexandra.

Ella é hoje a esposa dedicada de sempre, a mãe carinhosa e boa, a dama gentil e elegante que ha 40 annos prendeu no encanto da sua belleza o filho primogenito da Rainha Victoria. Tinha este 22 annos quando pela primeira vez viu a juvenil princeza da Dinamarca na cathedral de Wormz e tão preso ficou da sua formosura que sendo-lhe apresentado pelo Rei dos belgas no palacio de Laeken, logo lhe pediu a sua mão. Esse casamento tem uma historia que faz recordar as lendas romanticas do Norte.

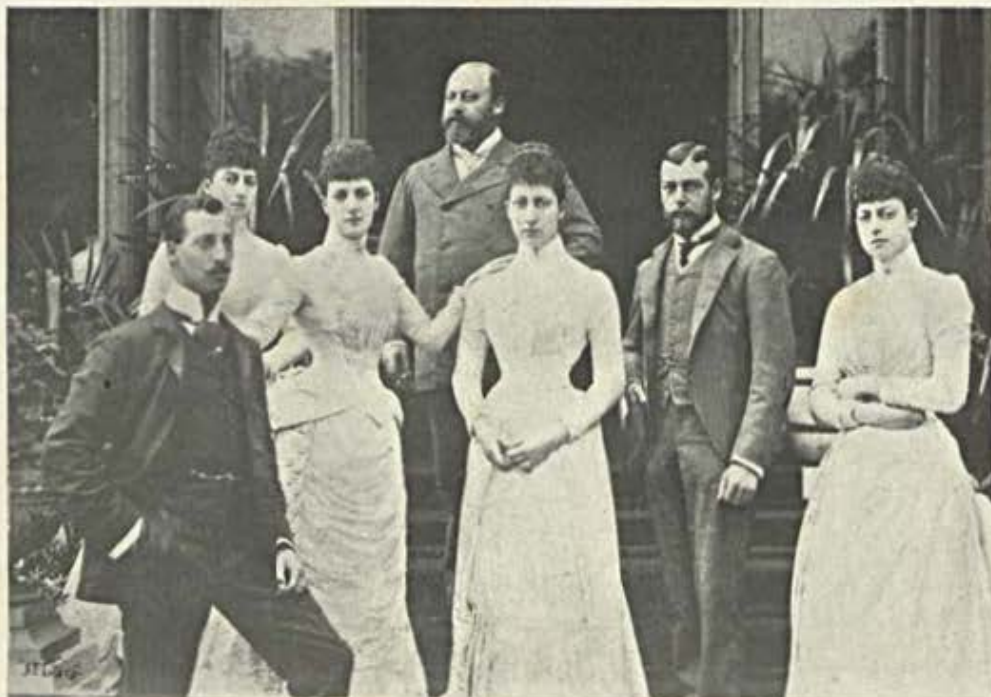
Era pobre a princeza da Dinamarca para casar com o principe real da mais poderosa nação da Europa: pensava-o seu pae, o Rei Christiano, hoje o decano monarcha europeu, pensavam-o os homens politicos dinamarquezes, pensava-o o proprio povo d'essa nação que o Baltico banha com as suas aguas nem sempre tranquillias e que o sol do Norte mal aquece. Era necessario dar um dote á princeza e logo se abriram subscrições populares que em poucos dias attingiram sommas consideraveis. Estava assegurado o dote á princeza da Dinamarca. Faltava apenas saber como a princeza real de Inglaterra corresponderia á dedicacão e ao amor do seu povo: a princeza Alexandra commovida e sensivel a tão captivante offerta do-tou seis raparigas pobres da Dinamarca que casaram no mesmo



S. M. a Rainha Alexandra de Inglaterra

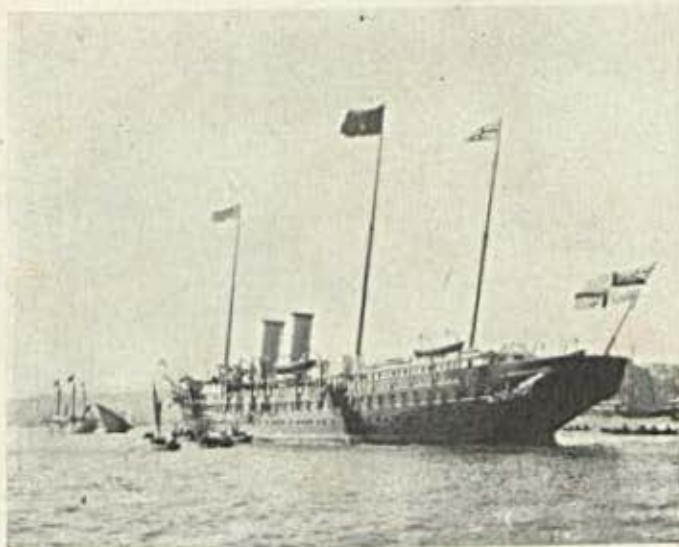
dia em que ella se unia na capella de S. Jorge, do castello de Windsor, ao principe de Galles.

A familia real ingleza



Prinzeza Maria Duque de Clarence Rainha Alexandra Eduardo VII Princeza Luiza Principe de Galles Prinzeza Victoria

A Rainha Alexandra é ainda, apesar de ter completado já 60 annos, uma das mais formosas princezas da Europa. No grupo que o *Brasil-Portugal* insere hoje, e que é já antigo, admira-se bem



O yacht real «Victoria and Albert»
Em que viaja a Rainha de Inglaterra

toda a correção da sua figura e todos os traços da sua belleza. Acompanha-a tambem sua filha mais nova a princeza Maud, casada com o príncipe Carlos da Dinamarca, segundo filho do príncipe herdeiro que é irmão da Rainha de Inglaterra. A princeza Victoria que se dizia não viria a Portugal por estar ainda em convalescença d'uma grave doença da qual a salvou uma operação melindrosa, acompanha a Rainha na sua viagem.



Bomouje D. Padamji (Parse)

A princeza Maud que tem 36 annos vem com seu marido que, ainda não ha muitos mezes esteve em Lisboa, como segundo commandante d'um navio de guerra dinamarquez.

Do yacht real *Victoria and Albert*, que os conduz, damos n'esta pagina tambem uma gravura.

O *Brasil-Portugal* que, no proximo numero, acompanhará com as objectivas dos seus collaboradores photographicos o *compte rendu*

das festas em honra tanto da Rainha de Inglaterra como do Imperador da Allemanha, dá hoje, a proposito da visita d'este ultimo, gravuras do regimento de cavallaria 4 do qual Guilherme II tem o commando honorario e outras do palacio da Legação allemã no Campo dos Martyres da Patria e que é, mercê do bom gosto do illustre representante da Allemanha em Lisboa, o sr. conde de Tattenbach, e da gentileza da sr.^a condessa, o ponto de reunião mais elegante do mundo diplomatico.

Como já temos accentuado, Lisboa está sendo uma cidade muito visitada. Ainda agora chamam a sua attenção, vindos de um paiz longinquo, nos confins da Asia, dois parsees, o sr. Padamji e sua esposa, cujos retratos figuram tambem n'este numero. Ao que ouvimos, o sr. Padamji, que ha uns poucos de mezes tem percorrido varios paizes da Europa, mostra-se muito agradado do nosso.

A sua vinda ao nosso paiz não foi precisamente para admirar



Senhora Meherbay (Parse)

as nossas bellezas naturaes, nem a velha cidade de marmore e de granito.

Assumpto de maior importancia trouxe ao Tejo o nosso hospede: deseja avistar se com o sr. Marquez do Soveral para lhe pe-



Amancio Gracias

Escripitor indiano — Interprete dos Parsees Padamji

dir o seu auxilio junto do governo inglez na resolução de um assumpto que muito parece interessar ao seu paiz.

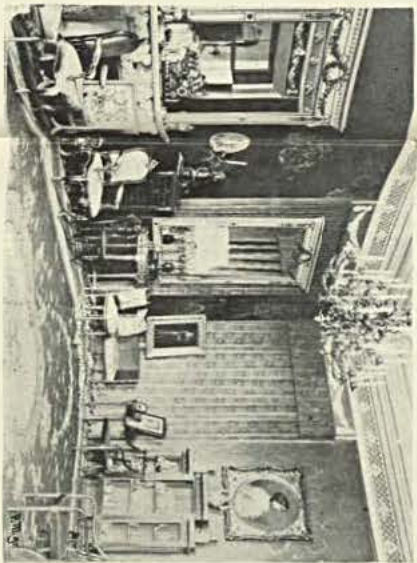
A LEGAÇÃO DA ALLEMANHA



Conde de Tattenbach
Ministro da Alemanha em Lisboa



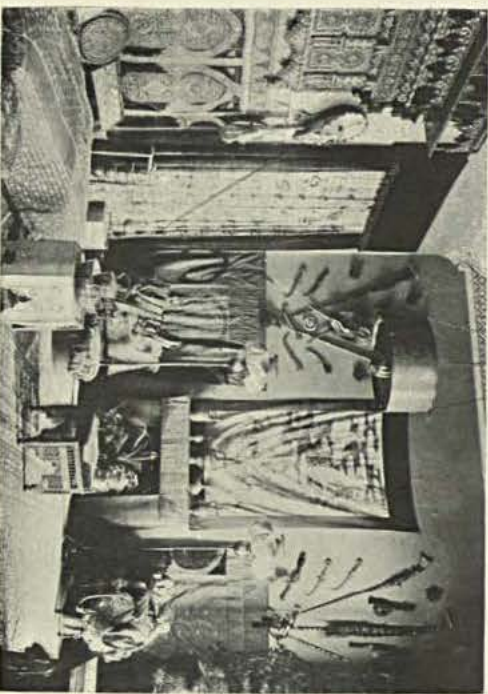
Condessa de Tattenbach



A sala de recepção

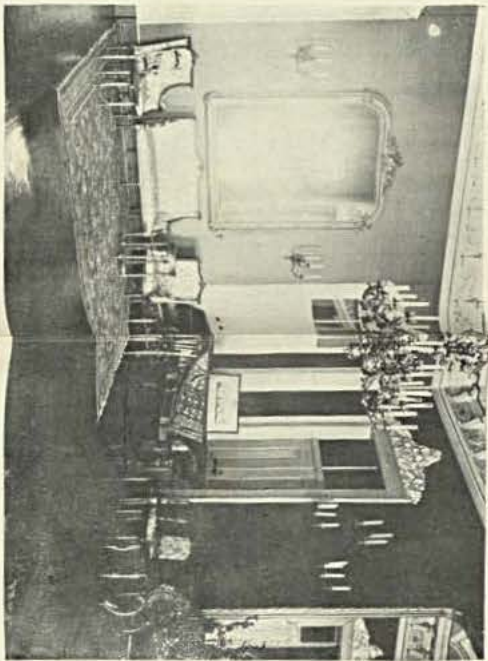


O gabinete da senhora Condessa

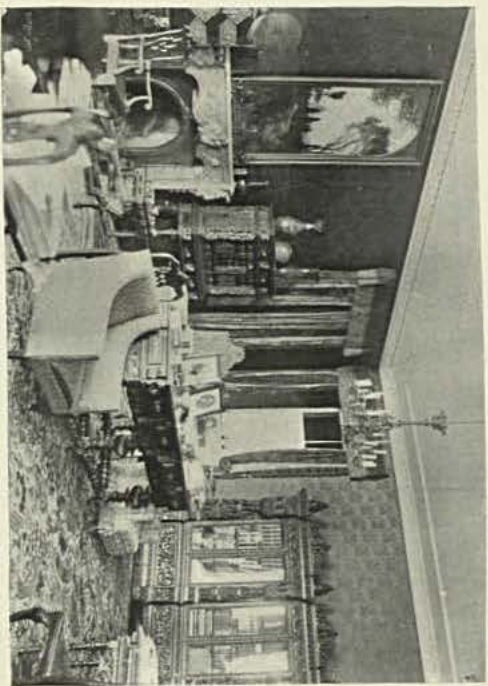


Cadeiras espanholas.

A sala árabe



A Sala de baile



O gabinete do senhor Ministro

O regimento de Cavallaria 4

DO

Imperador da Allemanha, Guilherme II

Com a chegada do Imperador da Allemanha a Portugal vem de molde uma referencia a este regimento que tem como seu coronel honorario Guilherme II.

Cavallaria 4 teve a sua organisação na Feitoria, perto de S. Julião da Barra, por decreto de 23 de julho de 1762.

O seu primeiro commandante foi o principe de Mecklembourg, que lhe deu o nome. Quando, muitos annos depois, em 1806, se procedeu á nova organisação do exercito portuguez, o regimento de Cavallaria de Mecklembourg passou a denominar-se "regimento de cavallaria n.º 4". E, finalmente, em 1888, por decreto de 24 de outubro, foi-lhe dado o nome de "Regimento n.º 4 de cavallaria do Imperador da Allemanha, Guilherme II".

O soberano, que dentro de poucos dias entrará em Lisboa, foi nomeado coronel honorario de cavallaria 4 pelo mallogrado monarcha D. Luiz I, como demonstração da muito sympathia e amizade que ligavam os dois paizes.

O regimento, de que o *Brasil Portugal* hoje insere varias gravuras, tem paginas brilhantes na historia do nosso exercito e muito se distinguio na guerra peninsular. A titulo de curiosidade mencionamos algumas batalhas em que entrou:

Ladoeira, 22 de agosto de 1810 — Bussaco, 27 de setembro de 1810 — Fuentes de Oñoro, 5 de maio de 1811 — Barba de Porco, 11 de maio de 1811 — Merida, 31 de dezembro de 1811 — Almendralejo, 1 de janeiro de 1812 — Villalva, 3 de julho de 1812 — Ocaña, 25 de outubro de 1812 — Arapiles, 15 de novembro de 1812 — Pyrenéus, 28 e 30 de julho de 1813 — Viella, 13 de março de 1814 — Nérac, 31 de março de 1814.

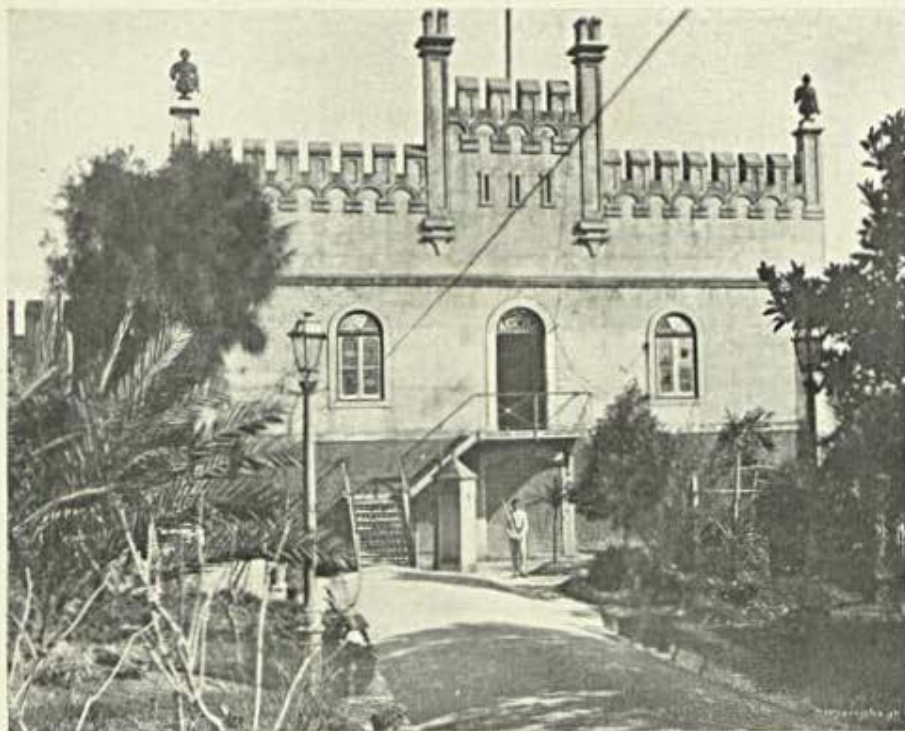
Desde a batalha do Bussaco até á memoravel retirada dos francezes da praça de Almeida, o regimento obrou prodigios de valor, sabendo aureolar-se de grande prestigio entre os bravos d'essa epocha convulsionada.

N'uma carta escrita pelo commandante do regimento, o coronel Campbell, e dirigida a Napier, tecem-se rasgados elogios a ca-

vallaria 4 e faz-se inteira justiça á sua bravura nunca desmentida. A' longa e gloriosa historia de cavallaria 4 liga-se a do marquez de Sá da Bandeira que acompanhou o regimento em toda a campanha, e que em 1820 o levou a abraçar a causa da revolução liberal. Bernardo de Sá Nogueira recebeu o seu baptismo de sangue no combate de Viella, em 1814, ficando por morto no campo: era então tenente de cavallaria 4.

Sentára praça em 4 de abril de 1810, em cavallaria n.º 11, tendo apenas 14 annos de idade. Começou o serviço de campanha como alferes de cavallaria 10, e depois de 1812 até á paz geral, serviu como tenente em cavallaria 4.

O regimento fez a campanha da guerra da liberdade e entrou



Cliché Benoitel.

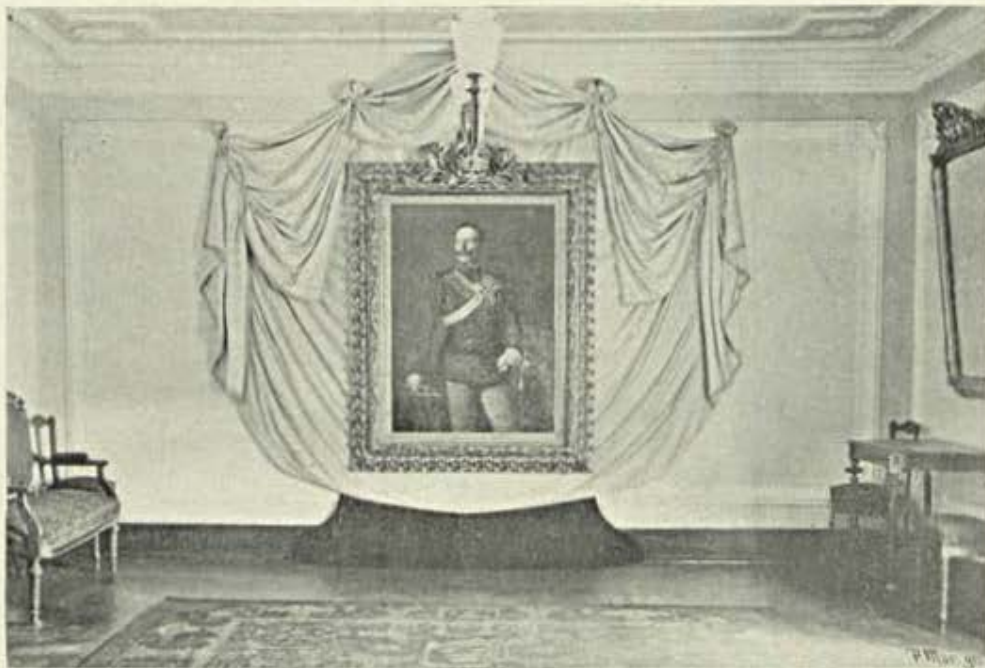
Frontaria do quartel de cavallaria 4, do Imperador da Allemanha, Guilherme II

na batalha de Conche da Beira (1817), fazendo parte da brigada com cavallaria 1, sob o commando do barão de Sabrosa. Mais tarde seguiu o partido de D. Miguel, conservando-se-lhe fiel nos reveses.

Quando em 1844 se levantaram protestos contra o não cumprimento do decreto de 10 de fevereiro de 42, que de novo proclamára a Carta Constitucional e convocára côrtes extraordinarias para a sua reforma, uma parte de cavallaria 4, então em Torres Novas, tendo á sua frente o que depois foi conde de Torres Novas, e José Estevão, insurgiu-se, secundando o movimento popular. Mas, faltando-lhe o auxilio do conde de Bomfim, retirou, com as forças que se lhe reuniram, caçadores 1 e infantaria 12, para Almeida onde teve de se render.

Desde 1762 tem tido o regimento de cavallaria 4 os seguintes commandantes:

Coronel João de Sampaio Mello e Castro (1762). — Coronel honorario, principe Carlos Luiz Frederico, duque de Mecklembourg Strelitz, principe da Vandalia, Schwerin, senhor de Rostock e Stugard (1762). — Marechal de Campo, conde de S. Lourenço (1791). — Coronel duque de Cadaval (1796). — Brigadeiro, marquez de Marialva (1807). — Coronel Gaspar Teixeira de Magalhães (1809). — Coronel João Campbell (1812). — Coronel conde de Penafiel (1815). — Coronel graduado Martinho de Moraes Correia de Castro (1815).



Cliché Benoitel.

A sala do commandante. — Retrato a oleo do Imperador da Allemanha



Príncipe de Meklemburgo

1.º Coronel commandante do regimento de cavallaria 4



Coronel Mousinho de Albuquerque

Actual commandante do regimento de cavallaria 4

— Coronel conde de S. Lourenço (1818). — Coronel Diogo da Cunha Souto Maior (1820). — Coronel Francisco Maximiano de Araujo Trassos Valdez (1821). — Coronel Francisco Elisario de Carvalho (1820). — Coronel D. Thomaz de Assis Mascarenhas (1827). — Coronel Joaquim José Maria de Oliveira (1833). Coronel João José de Mello (1833). — Coronel João Xavier de Rezende (1834). — Coronel graduado Anselmo Ferreira Lopes (1837). — Coronel Antonio Cesar de Vasconcellos Correia (conde de Torres Novas), (1840). — Coronel José de Pina Freire da Fonseca (1840). — Coronel graduado Leonel Joaquim machado Carmona (1837). — Coronel Christovam José Franco Bravo (1840). — Coronel José de Vasconcellos Correia (1851). — Coronel Augusto Sotero de Faria, um bravo que fez a campanha contra D. Miguel e desembarcou nas praias do Mindello (1832). — Coronel Guilherme Francisco de Almeida e Silva, que regressou ao continente com o exercito libertador (1864). — Coronel Francisco de Sousa Canavarro (1867). — Coronel José de Sá Nogueira (1862). — Coronel Antonio Augusto de Sousa Pimentel (1872). — Coronel João Baptista Alves (1873). — Coronel Manuel José Botelho da Cunha (1877). — Coronel José Rodrigues da Silva (1880). — Coronel Antonio Abranches de Queiroz (1886).

Commanda actualmente o regimento de cavallaria 4 o coronel José Diogo Raposo Mousinho de Albuquerque.

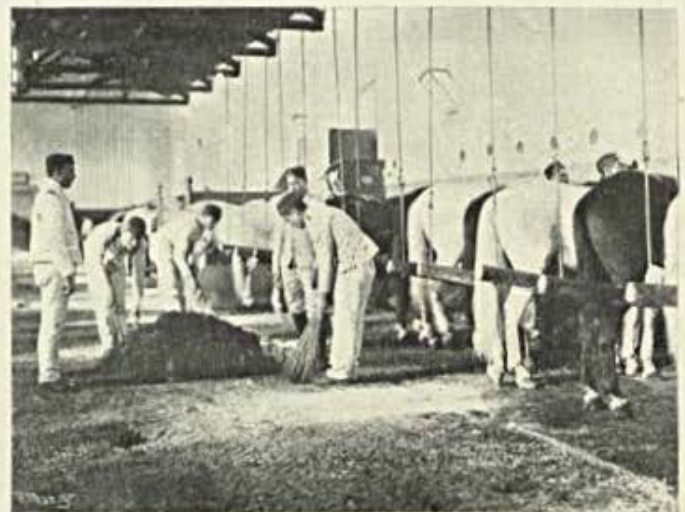
Nota. — Mousinho de Albuquerque, o heroe da Africa, parente do actual commandante do regimento, commandou a companhia de cavallaria 4 contra o Gungunhana e namarraes.



Clébé Benollet. Saltos no picadeiro de cavallaria 4.

Politica internacional

Continuam as crises politicas na Europa. Depois das que annunciámos n'uma das nossas precedentes revistas, deram-se mais a crise norueguesa e a crise italiana, pela queda dos respectivos ministerios. A seu tempo e quando estiverem resolvidas d'ellas nos occuparemos. A crise hungara, a mais grave e a mais complicada de todas, continúa ainda no mesmo pé, creando ao imperador Francisco José uma situação verdadeiramente difficil. Por um lado o monarcha não quer transigir com o



A cavallariça no quartel de cavallaria 4

movimento, que tende nada menos do que a destruir o pacto dualista de 1867; mas por outro lado, depois das ultimas eleições que deram enorme victoria ao partido da independencia, nenhum governo é possível na Hungria se não for apoiado por este partido. D'ahi a irreductibilidade do conflicto, que se vae protrahindo mais do que era licito esperar, mesmo tendo em conta o caracter exce-

pcional da crise. Emfim, é possível que na próxima quinzena já alguma cousa definitiva possamos dizer a este respeito aos nossos leitores.

Por hoje queremos occupar-nos da crise hespanhola, que tem sido até agora preterida na nossa revista pelos acontecimentos de interesse mais palpitante, que successivamente se tem apresentado a solicitar-nos a attenção — como a crise franceza, a guerra do Extremo-Oriente, e os successos internos da Russia.

A crise ministerial em Hespanha, que terminou pela chamada de novo ao poder do sr. Villaverde, só pôde ser considerada como um episodio mais da decomposição dos partidos, que se está operando na nação vizinha. Depois da morte de Canovas e de Sagasta, os dois *prohombres* da monarchia restaurada, os partidos da rotação constitucional deixaram virtualmente de existir, fraccionando-se cada um d'elles em grupos e conventiculos, nenhum dos quaes tem força ou prestigio para constituir governo estavel. Os liberaes agitam-se impotentes entre as ambições e as rivalidades de Moret e Montero Rios, sem poderem lograr ao menos uma unidade apparente, que permittisse a Affonso XIII confiar-lhes as redeas da governação. Os conservadores não se encontram em melhor situação. Morto Canovas, nem um unico dos seus successores teve pulso bastante forte para conter unidos todos os partidarios do grande caudilho da restauração. A divisão é entre elles tão grande como entre os liberaes, com a circumstancia aggravante, porém, que estes estão divididos na opposição, enquanto que aos primeiros nem a situação privilegiada de serem governo os poude congraçar. Com o partido conservador dá-se mesmo presentemente uma anomalia, que de balde se procurará repetida na historia parlamentar do resto da Europa e até na da propria Hespanha, onde de resto se pôde observar toda a casta de singularidades politicas. Com a subida ao poder do actual ministerio são já cinco os governos consecutivos que o partido conservador tem constituido. Pela queda dos liberaes foi chamado o sr. Silvela, herdeiro reconhecido de Canovas del Castillo, que levou como seus collegas a nata do conservantismo, formando uma especie de "grande ministerio". A questão das alianças e a da reconstituição da esquadra fizeram-n'o cair.

Sucedeu-lhe o seu collega e correligionario Villaverde, que formou a segunda situação conservadora, e que d'ahi a pouco cahia abandonado pela maioria, que investiu na chefatura moral do partido o sr. Maura por occasião de um discurso celebre. O sr. Maura foi o terceiro presidente do conselho da situação conservadora. Um bello dia sumiu-se pelo mesmo alçapão por onde tinham desaparecido os seus predecessores e foi nomeado presidente do novo governo o velho general Azcarraga, que ao cabo de pouco mais de um mez se demittiu igualmente, sendo então chamado outra vez á presidencia de conselho o sr. Villaverde, que formou o quinto ministerio conservador. No genero funambulesco não pôde haver nada mais completo; e nunca as *cosas de España*... tiveram mais picaresca demonstração.



Cliché Benoitel.

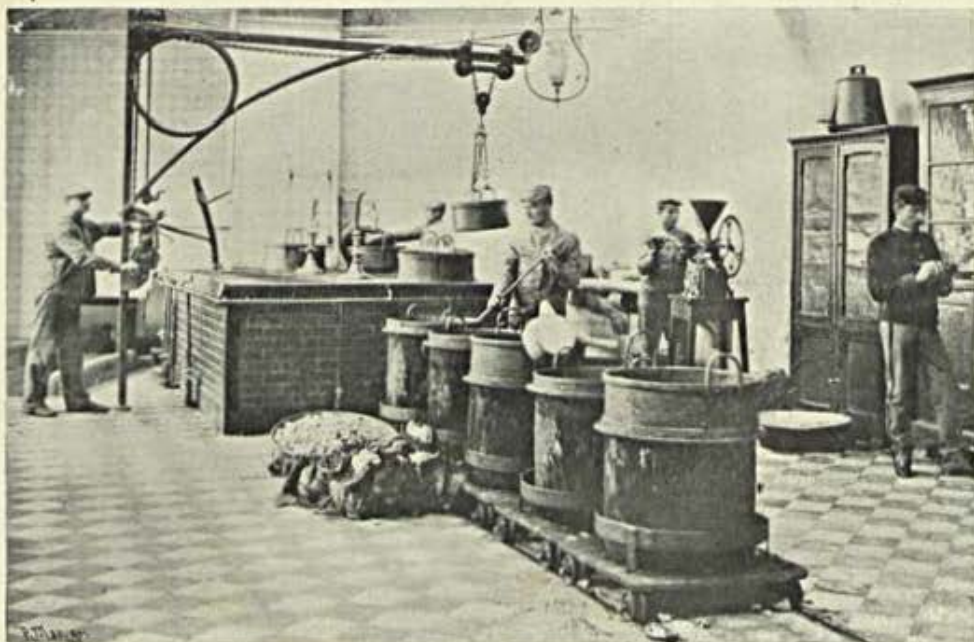
A sala do conselho no quartel de cavallaria 4

Porque cahiram todos estes ministerios? Porque foram chamados ao poder todos estes governos?

Ninguém o sabe ou pelo menos niuguem o diz publicamente, muito embora se sussurre em voz baixa, que a vontade da corda e as intrigas da camarilha não foram extranhas a estas inexplicaveis mutações. O que é certo é que jámais se viu uma situação politica assim, mesmo em Hespanha.

N'esta série de ministerios, que sem razão apparente uns aos outros se tem succedido, vivendo cada qual apenas a vida ephemera de alguns mezes, qual é a significação do segundo ministerio Villaverde? A mesma dos governos que o antecederam. Simplemente o actual gabinete, por motivos que são obvios, deve ser de todos elles o mais fraco e enfermigo. A eterna questão da reorganisação da esquadra, que foi o cachopo em que naufragou o sr. Silvela, lá o espera para provavelmente o tragar, se antes d'isso não lhe cavar a sepultura a não menos ingrata questão do orçamento, ou a do tão apregoado "saneamento da moeda".

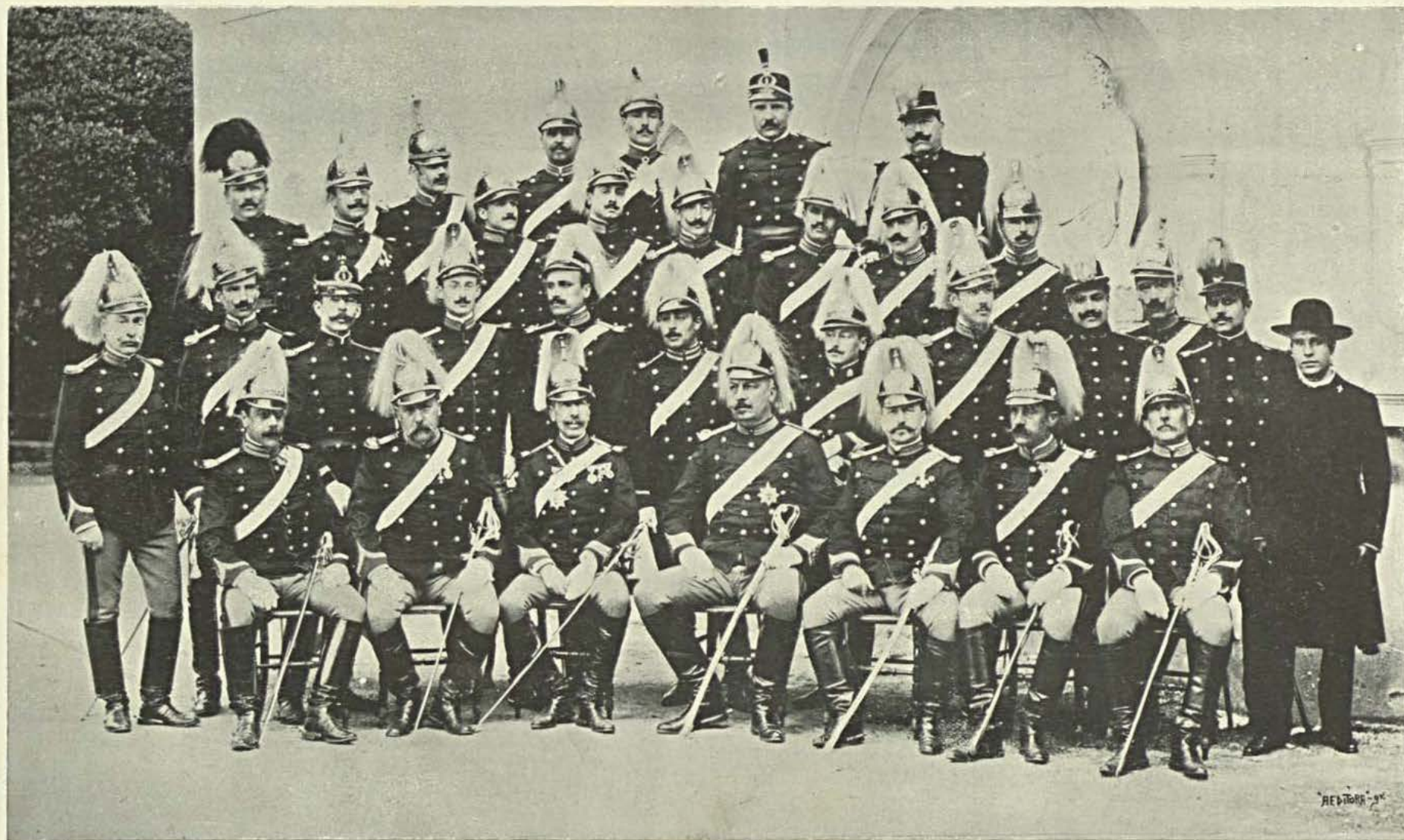
O ministerio do sr. Villaverde, sem idéia propria que o distinga dos ultimos ministerios conservadores, com um pessoal quasi anonymo de segundas e terceiras partes na politica e na administração, sem maioria sua em que se possa apoiar, foi apenas inventado como o ultimo expediente para se não dissolverem desde já as camaras actuaes, sobretudo achando-se profundamente dividido e portanto incapaz de constituir governo forte o partido liberal. No estado cahotico dos partidos, e na desnor-teada situação da opinião publica em Hespanha, ninguém sabe o que poderá sahir de uma eleição geral, com o precedente da victoria republicana na eleição anterior. Por isso a corda se esforça por evitar que o poder saia dos conservadores, enquanto um governo liberal unido não lhe poder dar garantias para a consulta dos collegios eleitoraes. Esta situação, porém, torna-se insustentavel, do momento em que o partido conservador e a maioria da actual camara estão divididos por irreconciliaveis rivalidades. Tão depressa se levanta governo sahido de um dos grupos, os outros colligam-se contra elle, senão abertamente em sessão publica, nos bastidores parlamentares promovendo-lhe toda a casta de difficuldades e



Cliché Benoitel.

Na cosinha do quartel de cavallaria 4. — Preparando o rancho

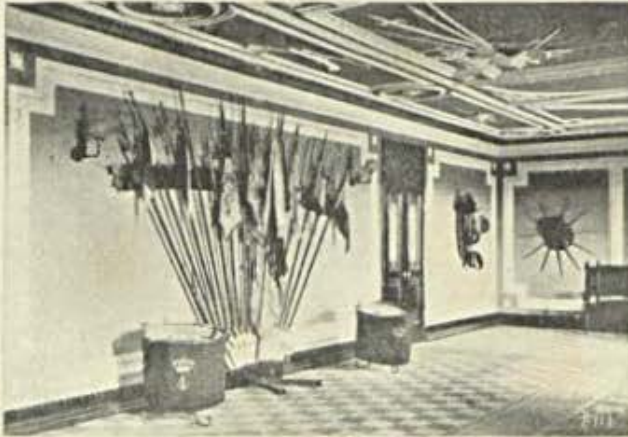
Cavallaria 4 — Grupo de officiaes



Da esquerda para a direita, 1.º plano (sentados): — Capitão Pinto Ferreira — Capitão Castel-Branco — Tenente-coronel Gorjão de Moura — Coronel-commandante Mousinho d'Albuquerque — Major Jalles — Capitão Antonio Maria da Silva — Capitão Rocha Teixeira.
 2.º plano (de pé): — Capitão Miguel Pereira — Tenente Silveira Ramos — Tenente-medico Glão — Alferes Almeida — Alferes Correia — Alferes Brito — Tenente de cavallaria de reserva Cuão — Alferes Alves — Aspirante d'administração militar Filhena — Alferes Van-Zelder — Tenente-veterinario Simões Alves — Capellão de 3.ª classe Pinto da Silva.
 3.º plano: — Alferes-picador Caieiro — Tenente Mendonça — Tenente Vasconcellos — Alferes Maia Magalhães — Alferes Ribeiro de Menezes — Tenente Latino — Alferes Leite Santos — Alferes Barros Vasconcellos — Alferes Cunha Menezes — Tenente Carvalho — Alferes Mascarenhas — Capitão-medico Silva Borges e Tenente da administração militar Sousa Gorgulho.

obrigando-o afinal a demittir-se. Foi o que aconteceu com Silvela, com Maura, com o proprio actual presidente do conselho no seu primeiro governo, e o que lhe acontecerá agora pela segunda vez, seja qual for o pretexto que tenha para isso de ser escolhido.

Demais o sr. Villaverde, que suppomos ser bem intencionado e não um ambicioso vulgar de honrarias, não tem estatura politica para arcar com as difficuldades da situação. E' um bom burocrata,



Giliché Boneliet. A sala d'armas no quartel de cavallaria 4

um profissional distincto em materia de administração financeira; mas nem é um ministro de idéas largas e rasgadas, nem muito menos um presidente de conselho, com o prestigio e a habilidade sufficientes para vencer as multiplices difficuldades que o cercam. Mesmo em assumptos da sua especial competencia technica se tem lastimosamente enganado, ou o que peor seria, tem procurado enganar o paiz, como com o decantado "saneamento da moeda", que nunca esteve tão depreciada como sob a sua administração, apesar de todos os promettimentos em contrario, e sem embargo da cerebrina theoria de que se podem melhorar os cambios por simples decretos ministeriaes sem transformar previamente as condições economicas de que elles são a resultante e a expressão.

Como quer que seja, porém, equilibre ou não o sr. Villaverde o

orçamento, "saneie, ou "não saneie, a moeda, faça passar ou não faça o projecto para a reconstrução da esquadra, os dias do actual ministerio estão contados. E por uma razão muito simples. Se o partido conservador gasto e desprestigiado pelo regimen de mutações de gabinete, a que tem estado submettido, não consegue cobrar alguma vida, o governo tem de afundar-se com a actual maioria, impotente para dar de si novos *actus* ministeriaes. Se pelo contrario a maioria se fortalece, ainda que seja momentaneamente, não será o sr. Villaverde quem se aproveitará d'este rejuvenescimento. Repetir-se-ha a manobra anterior — o ingenuo presidentado conselho vê-se-ha abandonado pelos deputados, que agora o apolam, e entrará novamente em scena o sr. Maura, que é no fim de contas quem tem os affectos intimos da maioria e quem na ausencia do sr. Silvela mais titulos possui para a chefatura do grupo conservador. E' este o triste dilemma, a que o sr. Villaverde não poderá fugir. De resto pouco viverá quem não veja o desfecho d'este quinto acto da comedia politica, que se está representando em Madrid.

Cosas de España...

No momento de terminar este artigo chega-nos a noticia, por ora ainda incompleta, de um grande desastre russo na Mandchuria. Se são verdadeiros os pormenores que o telegrapho nos transmite, trata-se não já de uma derrota mais ou menos grave do exercito de Kuropatkin, como as de Liau Yang e Shaho, mas de catastrophe militar sem precedentes na historia. Falla-se na tomada de quasi toda a artilheria aos russos, em dezenas de milhares de prisioneiros feitos pelos japonezes, em corpos inteiros de exercito moscovitas cercados e obrigados a capitularem, n'uma debandada completa das tropas que defendiam Mukden, na tomada d'esta cidade pelo marechal Oyama, em perdas collossaes de gente sobretudo no exercito de Kuropatkin, que, a ser verdade o que as agencias nos dizem, se dissolveu, continuando na perseguição dos ultimos restos d'elle as tropas victoriosas do Mikado. O que ha de exaggeração em tudo isto? E' o que dentro em pouco se saberá.

Por muito que estivessemos já habituados ás constantes victorias dos japonezes e ás não menos constantes derrotas russas, é de tal modo extraordinario, quasi incrível, o que a respeito da ultima batalha se relata, que esperamos a confirmação dos primeiros telegrammas, por ora bastante confusos e contradictorios. Que Mukden caiu em poder dos japonezes não ha duvida; que os russos por consequencia soffreram um grave revez militar, é tambem certo. Mas assumiu este revez as proporções da tremenda catastrophe de que os telegrammas nos fallam?

Dentro em pouco se saberá.

CONSIGLIERI PEDROSO.



Algarve — A ria de Tavira

Échos do carnaval de 1905



O break do sr. Henrique Burnay
Cliehé Benollet.



Cliehé Benollet. **Aspecto do Chiado — O automovel premiado do sr. Jorge Burnay**



Cliehé Benollet. **Mascarada dos grupos hyppicos Gagliardi**



Os empresarios dos theatros de Lisboa — (Cabeças)
Cliehé de A. Lima.

Guarda Municipal de Lisboa

Não tendo podido caber no ultimo numero todas as gravuras que tinhamos para acompanhar o interessante artigo sobre a historia da Guarda Municipal, damos hoje as cinco que foram retiradas.



No quartel do Carmo. — A cisterna de uma peça só



No quartel de Santa Barbara. — Refeitório dos soldados.



No quartel do Cabeço de Bola. Arrecadação do esquadrão de Cavallaria



Antigos uniformes de infantaria



Antigos uniformes de cavallaria

Soneto

Accêso no almo ardor, que a mente inflamma,
Vivo de Amor, de Amor suspiro e canto;
Na face agora o riso, agora o pranto,
D'arvore tua, ó Phebo, eu cinjo a rama:

Prezo a dôce moral, na voz da fama
Meu nome pouco a pouco aos céos levanto;
Mas turba vil, que abato, aneço e espanto,
Urde em meu damno abominavel trama;

Réo me delata de horrida maldade,
Projecta aniquilar-me o bando rude,
Envólto na lectêa escuridade:

Que falsa idéa, ó zoilos, vos illude?
Furtaes-me a paz? Furtaes-me a liberdade?
Fica-me a gloria, fica me a virtude.

Bocage.



Tres livros

CARTA A THOMAZ DE CASTRO

Meu caro Thomaz:

Só hontem recebi a tua carta. Muito aborrecido devias tu estar quando m'a escreveste. Mas as tuas saudades de Lisboa fizeram-me sorrir, recordando o que tu dizias de Lisboa quando cá estavas, e do adeus e do gesto que ainda lhe fizeste de Campolide, á sabida do tunnel, no dia em que te foste embora. E's um Lisboa incorregível. Desengana-te: Lisboa é um vicio — como o cognac ou Monte-Carlo. E tu és um vicioso d'este vicio. Não procures fugir-lhe, não creias poder regenerar te, nem libertar te, nem redimir-te. Tu serás sempre a sua victima. Ella será sempre o teu algoz. Tu és um timido; ella é implacavel.

Se não, vê: ha quanto tempo foste tu tomar posse d'essa administração de concelho? Ha cinco mezes. Ha apenas cinco mezes. Todavia, a carta que me escreves agora, lida por quem não soubesse a data da tua partida, deixaria supôr uma ausencia de alguns annos. Perguntas que fim levariam creaturas e coisas que, a julgar pelo tom em que d'ellas indagam, se poderia crer terem-se afundado umas nas pinceladas dos últimos planos onde se empastam, na paisagem da capital, os cyprestes dos Prazeres e do Alto de S. João; outras haverem perdido já contornos e frescura, puidas de caducidade. E o desconsolo do teu afastamento é tanto, e tão semsaborona a tua existencia dentro d'elle, que até já, para d'ahi distraires o sentido, acaricias a suspeita de uma nascente curiosidade por assumptos da "nossa moderna litteratura", como tu dizes, não sem uma certa emphase que é peculiar de auctoridades administrativas, como coisa inherente ao cargo.

De todos os livros que me pedes não te remetto nem um só. Mostrei ao C. de F. a nota que acompanhava a tua carta e pedi-lhe que me dissesse, com franqueza, se algum d'elles valia a pena de se lhe cortar as folhas. O C. de F. tem a seu cuidado a chronica bibliographica da unica folha de Lisboa que presta alguma attenção ao nosso movimento litterario, e dá-se conscienciosamente ao trabalho de abrir todos os livros que os auctores e editores lhe offercem, para não falar d'elles sem conhecimento de causa. Muitos d'esses livros são como as melancias: mette-se-lhes a faca, e logo se vê que não prestam. Mas outros ha que querem ser provados, folheados, e, porventura, lidos. Lá de vez em quando, sempre se apura algum; nenhum, porém, d'aquelles que me pediste. Nem dos que eram em prosa, nem dos que eram em verso.

Por minha alta recreação, deliberei mandar-te outros, que receberás por este mesmo correio. São tres: um de João Chagas — *Homens e Factos*; outro de Arnaldo Fonseca — *Mulher amada*; outro de Anthero de Figueiredo — *Recordações e Viagens*. Vão por minha conta.

De tempos a tempos, a decepção da politica traz para os assumptos amaveis da litteratura alguns illustres foragidos. Quem outros favores não deva á politica, deve-lhe este, que não é pequeno. O caso de João Chagas é o mais recente, talvez o mais sério, e, com toda a certeza, o mais expressivo.

Talvez o mais sério, por isto: João Chagas parece-me inteiramente desinteressado da politica, e desinteressado d'ella como o homem chega a desinteressar-se da mulher que mais amou, que mais encadeado o trouxe, que mais lhe encheu de exaltação todo um intenso periodo da vida. Desinteresse que é saturação. Desinteresse que é fadiga.

Com certeza o mais expressivo, porque João Chagas abandona a politica no instante em que ella, como creatura que se nos afeiçãoou, se nos devota, se preocupa tanto dos nossos passos, dos nossos gestos, dos nossos pontos de vista, chegando a pensar pelo nosso pensamento e a viver uma vida em tudo identificada com a nossa propria vida — deixa que sobre ella elle exerça toda a in-



Arnaldo Fonseca

Auctor do livro MULHER AMADA

fluencia, mysteriosa de seduções, da sua convicção, do seu desassombro, da sua hombridade civica, servido tudo isso por predeterminados fluidos de verbo e de attitudão. João Chagas corta-lhe o passo, aperta-a violentamente pelos pulsos, fala-lhe, embebe-lhe no olhar amortecido o seu olhar ardente, sacode-a, impressiona-a, electriza-a — sugere-lhe a revolta. E a revolta dá-se. Num sentido de redempção — como elle queria? Não. Resulta, pobremente, numa convulsão de choro. Elle queria o grito! Ella só tem — a lamuria. João Chagas, prégador da subversão, acha-se em frente de um auditorio em soluços.

A sua obra de publicista, iniciada, com tão arrebatada pujança, pelo pamphleto, prosegue então, meditadamente, pelo livro — o livro que é a forma serena, effizaz, perduravel, da communhão de sentimentos, de vontades, de idéas, que só a palavra escripta



Anthero de Figueiredo

Auctor do livro RECORDAÇÕES E VIAGENS

sabe fixar entre aquelles poucos que d'ella possuem o dom e aquelles muitos a quem ella se dirige.

Dentro do livro, João Chagas adopta de preferencia a maneira litteraria da chronica, que já no jornal cultivava, hoje, inequalavelmente: a chronica quadro de genero, onde, parece, fica sem cabida o devaneio da paizagem como a invocação da historia. O livro —

O funeral de Sir Martin Gosselin, ministro de Inglaterra, fallecido no Bussaco



Cliché Benoit.

Um grupo do corpo diplomatico — Os plenipotenciarios, secretarios e addidos militares

Homens e Factos — accentúa esta preferencia, dando-lhe um realce de feição definitiva.

A perfeição d'esta indole de escripta, quando a quizeres, não deves procura-la já em outros escriptores nossos, entre aquelles que dia a dia ateiam o fogo crepitante da publicidade. Ninguem vae disputar, bem entendido, na classe dos quasi inactivos, as honras que cabem a Ramalho Ortigão, a Fialho d'Almeida e, se porventura a mais algum, a quem eu, em todo o caso, não sei...

Dos que se foram, as chronicas de João Chagas têm ainda o encanto de fazer recordar, de onde em onde, e sempre com saudade, as chronicas de Beldemonio; mas não será condão amavel, a enaltecer graças e prestimos de quem o tenha, este poder de certos vivos que, quanto mais nós os amamos, mais se aviva, com o convívio d'elles, a saudade dos que muito amámos?

Tomar um facto, ou encarar um homem, para de um ou outro tirar a illação espirituosa, o dito estridente, o apontamento de caricatura, o esquisso em duas linhas, tem se visto ser mera faculdade de plúmptivos e cavaqueadores, que para mais arriscados lances se invalidam totalmente, afogados nas estadupas da propria espontaneidade. De todos esses, a um só sobreviveu o renome, teito mais de lisonja que de justiça, e esse unico foi Guilherme de Azevedo, cuja obra, folheada hoje, só tem já o pallido interesse da troça que converge sobre traços da nossa vida politica de então, offerecendo analogia com outros da vida politica de agora, ou se, a respeito dos homens, adrega que alguns d'elles ainda andam contados no reduzido numero dos vivos.

João Chagas faz a chronica do seu tempo como Beldemonio e Guilherme de Azevedo fizeram a chronica do tempo d'elles, que é ainda o nosso, e já quasi não parece sê-lo; mas sabe fazê-la com tanto engenho, graça, e conceito, que ella terá, d'aqui a vinte annos, d'aqui a trinta annos, sempre, a mesma frescura, perdendo apenas, no interesse, a pequenissima, insignificatissima particula por que nella entra a emoção da oportunidade.

Ora, fazer da chronica, que tem de ser febril, cheia de curiosidade momentanea, caprichos levianos, fogo fatuo; da chronica que tem de ser um sopro, como o pamphleto tem de ser uma rajada; da chronica que tem de ter, pela fórma, a leveza de um flôco, e, pelo espirito, o fugaz encanto de um fru fru de sédas, a translucidez de um velho vinho hungaro, o perfume de uma flôr do heliotropo; fazer da chronica, que tem de ser assim, ou, pelo menos, que tem sido sempre assim, o que d'ella consegue João Chagas, é realisar uma pequena obra de litteratura duradoira, imperecível, indefinidamente bella. E reunir em livros muitas chronicas assim, é preparar, é condensar probabilidades de uma grata, amavel posteridade. Podes tu imaginar que preciosidade não seria, agora, o livro que nos contasse, pelas minucias de um testemunho de visu, o que era a antiga e saborosa vida de Athenas? A obra de João Chagas, chronista, comquanto cercada hoje de uma formosa aureola de sympathia, só muito mais tarde se verá apreciada e premiada por seu justo quilate. Escrever chronicas como elle as escreve, para da-las a ler, neste momento, á geração que é a nossa, lembra tarefa semelhante á de Diderot escrevendo aquellas chronicas secretas que só deveriam ser lidas por Catharina II. Dir-se-ia que elle as escreve, não para aquelles que têm a ventura de as receber em primeira mão, mas para o espirito de um outro publico que não existe ainda, que está ainda por vir...

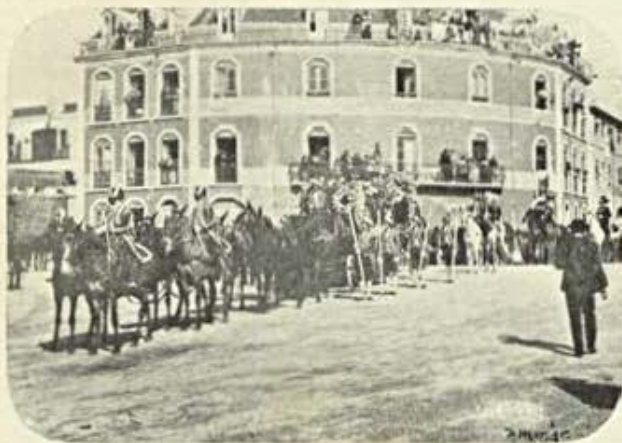
Quando tiveres acabado a leitura do primeiro d'esses tres livros, afunda-te naquella que é de Arnaldo Fonseca, com o goso de quem se afunda numa violenta excitação de sentimentos de arte, sacudidos por audacias novas e inéditos rompantes. E' preciso que o leias com um desprendimento absoluto de coisas assentes, de idéas fixadas, de tudo quanto o teu espirito, mal embebido ainda da venenosa secreção da tua época, possa excommungar como preconceito, formula, banalidade. Quem não encontre já em si a energia necessaria a este esforço, não tente experimentar-lhe o ineffavel abalo.

Presta se, por isso, á facil dobléz de conceito que predomina nos nossos cariculos de critica, e que d'elles dimana, tão nocivamente, para a opinião corrente, o livro — *Mulher amada*. Sem rebuço, tanto se pode dizer d'elle que é joia, como se poderá dizer que é cinza. Joia para os eleitos; cinza para os reprobos. Com o mesmo ardor com que te digo: lê o! já d'elle eu disse a alguém: não leias!

Lê o, sim. E gosa. E flagella-te. E medita o. Medita o muito, medita o bem. Verás então quanto elle corresponde, e com que perdulario vigor corresponde, ao evidente movimento de revolta que n'este instante embate do universo contra o universo. Elle balbucia, em lingua portugueza, em lingua que é a nossa, o mesmo canto subversivo que uma estranha harmonia adapta, sobre toda a terra, á mesma humana ancia de verdade, de liberdade, de amor, e de justiça! Já o concerto se avoluma, cresce de ponto, expande-se na immensidade. E' preciso que cada povo diga a sua estrofe, e o côro ha de entoar-lo a humanidade inteira.

A alma acorda; a alma, e tudo quanto se prende á alma. Começa-se a comprehen-

der que ha, muito acima d'esta existencia feita da incerteza, alegria e dôr de cada dia, uma outra existencia, uma superior existencia, de que não foi possivel ainda encontrar a essencia, mas que claramente se evidencia, se revela, se promette. Para lá se voltam já, humedecidos de esperanza, os nossos olhos inquietos. Algum bom presentimento para lá no-los dirige. Esta inquietação, este sobresalto, esta duvida de tudo quanto, desoladoramente palpavel, nos rodeia, é já, mal esboçada ainda mas esboçada já, a necessidade, que experimentamos, de sondar a tréva... Sentimos, por toda a parte, de todo o lado, alongando-se a toda a distancia, prolongando todo o horizonte, o poder immenso, a força irresistivel d'alguma coisa ignorada, profundamente ignorada, mas que sonhamos bella, luminosamente bella, luminosamente redemptora! Não podemos já conceber a mais singela idéa, menos ainda procurar dar-lhe fórma, menos ainda convertê-la em acto, sem que o mais pequenino movimento de molecula cerebral nesse sentido estimulada, ou o mais rudimentar gesto de deliberação exterior, não se nos mostre logo sujeito a mil e uma complicadas influencias que a razão não sabe, não pode, não chega a explicar... O que será, assim, Deus do céu, esta sympathia ou esta antipathia que nos faz abeirar ou nos distancia, com a mesma se-



Cliché Benoit.

O coche da casa real conduzindo o feretro no largo dos Prazeres

creta mão enluvada de aço, invencivelmente, tenazmente, de certas creaturas? A que leis de mysterio obedecem taes afinidades de instincto, ou taes afinidades de eleição?

Eu, tu, todos nós tinhamos percorrido até agora toda uma vasta litteratura universal, cujas ondas sonoras não nos traziam o ecco de uma só d'estas frescas vozes ignotas, que de tantas coisas altas

e estranhas começam a achar repercussão nas nossas pobres almas afflictas.

Desde as mais remotas edades de oiro da litteratura se via a fórma monopolisar, no proveito exclusivo do seu imperio, todas as subtilidades, todas as galanterias, todos os devaneios, todos os requebros da palavra escripta.

A' meza farta do classicismo, farta d'aquellas pesadas eguarias que depois encheram de incommodas flatulencias o ambiente das

filho estuporado da Analyse psychologica e das ultimas pinguinhas do Romantismo de melena.

Quer-se psychologia, sim; evidentemente a queremos. Mas queremos-la nobre, queremos-la bella, queremos-la occupada de tudo isto que em todos nós se passa, e passa de alma para alma, constatando-o, explicando-o, marcando-lhe as afinidades. Psychologia, sim, mas a verdadeira, a que nada tenha que ver com a outra, com a de Bourget...



O consul geral de Inglaterra e a colonia inglesa á porta do cemiterio aguardando a chegada do feretro

academias, por largo espaço se banquetearam ainda tumultuosas gerações litterarias, que pela fórma teimavam em erguer as taças espumantes de capitosos sumos. Pleiades, seitas, escolas, digladiavam pela fórma, só pela fórma, sempre pela fórma. E se, uma ou outra vez, a esgrima quichotesca do estylo floreteava um discurso ou dardejava uma epopéa, exaltando uma idéa, a idéa envolvia sempre a lisonja ou a ameaça a algum poder temporal. Amigo Camões cantava a alma portugueza. Amigo Hugo proclamava o Genio

Ora, Thomaz, como tu vaes ver por esse livro (esse que logo entre os outros te hade ferir a vista com a sua capa branca manchada por uma papoula em sangue), Arnaldo Fonseca, seu auctor, é o radiante amotinado que pretendeu e ousou, por uma d'estas nossas calmas madrugadas de fevereiro, que tão dócemente nos antecipam a primavera, perturbar em Portugal o somno da alma humana. Interroga-o. Escuta-o. Vaes admira-lo, e vaes ama-lo.

Só, só a clamar, só a vociferar e a imprecar, trepado ao pincaro



Clichés Benoitte.

No cemiterio dos Prazeres — O cortejo dirigindo-se para a capella

da França. Mas a alma da humanidade, mas o genio da humanidade — ficavam por cantar.

As abusivas pieguices dos chamados psychologos á maneira de Bourget acabaram por espicacar os estímulos de um movimento novo, que é esse que tu agora ahí vês, com os Gorki e os Maeterlinck á frente, pondo já numa doída debandada o garotio estheta,

d'aquella collina d'onde a sua figura se atusa para o Infinito, alongando os braços magros sobre a terra dormente, não sei que extravagante pesadelo m'o faz vêr, olhando-lhe a silhueta em recorte na meia luz rosada de uma aurora, crucificado — crucificado pela sua idéa!

Lerás por ultimo as *Recordações e Viagens* de Anthero de Figuei-

redo, que são calmante e repouso adequados á perturbação febril que o livro de Arnaldo Fonseca vai levar á tua economia espirital. Terás assim delecte e brevidade na convalescência. Saboreia o contraste, que não te digo qual é, nem no que elle consiste. Has-de tu achá-lo, e marca-lo, sem que a terna emoção de um empalideça ou afrouxe em ti a emoção violenta do outro.

Este é, todo elle, e outra vez, preocupação da fórma. Mas repara, Thomaz, que eu não condemnell, ind'agora, na invectiva das litteraturas velhas e hodiernas, as preciosidades da fórma. O que eu disse, ou melhor aquillo que eu queria lastimar, era que só tão tardiamente se houvesse começado a dar o tumulto das idéas disputando as supremacias da fórma. Repara bem.

Anthero de Figueiredo é, nesta altura, como num tempo de guerra, o paisagista que pinta o seu pedaço de paisagem á beira de um caminho que é o da sua aldeia, quando um aguerrido esquadrão flamejante de penachos rubros e laminas erguidas, investe e se arremessa de tropel, enovellado em poeira, passa a dois passos d'elle, e elle nem sequer um instante detem o pincel que acaricia a téia, nem despega os olhos do embevecimento da paisagem. Já o esquadrão vai longe, já a poeira amaina, e o pintor lá prosegue imperturbavel, deliciado da sua arte, na realisação do seu quadro.

E pois que a esse pintor o a proximo, deixa-me que mais frisantemente o compare a um d'aquelles adoraveis pintores da Hollanda, tão indifferentes a pezoas e escaramuças, entregando a Nassaus os afans da defeza de seu palmo de terra e garantia de seu lar, e não despegando, elles, do recatado goso de fixar, de espelhar em minusculos quadros, eternizados depois de amor e tintas, a afagada fisionomia d'aquelle seu palmo de terra, a poesia muito intima dos cantos e recantos do seu lar...

Mestres bons da ternura, da sinceridade, da palavra doce, da arte de nos metter no coração, que a livros d'estes convém, e sem o que todos elles só passariam de fugida por diante dos nossos olhos distraídos, — mestres de tudo isso não nos faltam. Olha o Bernardim Ribeiro, olha o Garrett, olha o Julio Diniz... que mestres, todos esses! Mas onde estão aquellos, de quem não seja lastima o dizer que com esses aprenderam, e d'esses se inspiraram? Quaes — entre tantos que tem tentado o mesmo género litterario predilecto do auctor das *Recordações e Viagens*? Põe Alberto de Oliveira. Perfeitamente. Mas só esse. Entre tantos! Estás a pensar,

d'aqui o vejo, em Teixeira Gomes. Esse, porém, dá-me idéa de nunca ter tido mestres; aprendeu sózinho. Procura, e torna a procurar, que por muito e por mais que procures não lhe acharás tic alheio.

Anthero de Figueiredo possui thesouros de formosissimas coisas vistas, sentidas, soffridas e gosadas, e por elle cubiçadas e recolhidas com aquella boa diligencia de quem andasse, todo desejoso de amontoar outros thesouros, a procurar, a sondar, a pesquisar; e a juntar, e a arrebancar. São maravilhas dos olhos, são delicias do ouvido, são enebriamentos da alma, arrumados com mil cautelas entre resguardos de carinho, escaninhos de saudade, bocetas de segredo. São observações que elle não trocaria por joias, esquisos que valem illuminuras medievas, pequeninas notas que são esmaltes, palavras soltas que são camafeus; e frases que são rendas, e orações que são filigranas, e periodos que são brocados... Tudo isso elle foi buscar e rebuscar aos reconditos cacifos onde algum dia a sua infancia, já indagadora de coisas do sentimento, o entrevira: nas historias que os velhos sabem, nas tradições que a provincia guarda, nas crenças que o povo perpetua. É ás bondades do seu Minho, ás ingenuidades da sua terra, aos affectos da sua patria. E ao inédito das suas viagens, com tudo aquillo que no inédito das viagens ha de aneio ou de perda illusão, de ardencia ou saciedade, de deslumbramento ou fastio.

Amontoou. Amontoou. Amontoar é querer sempre mais. Querer sempre mais é tornar-se a gente avara. Elle é avaro. Nesse livro, por onde tu vaes beber, d'um trago, todo o ar da tua terra que elle te leva, cheinho até acima, — elle o confessa. O seu goso é fechar-se por dentro no seu quarto das arcaas, calafetar-se com ellas, levantar-lhes as ferragens, pedir-lhes que lhe mostrem o que elle lhes deu a guardar. Caladaas, ellas consentem. E então é vê-lo, todo embevecido, ir tirando das arcaas, com immenso cuidado e muito geito, nas pontas dos dedos, um sorriso nos olhos, um sopro nos labios, uma a uma, num dulcissimo inventario, as suas saudades, as suas máguas, os seus encantos, as suas sympathias, os seus affectos, as suas desillusões, os seus sonhos...

Thomaz, adeus!

Teu do coração

ALFREDO MESQUITA.

OS MORTOS

(NA ULTIMA QUINZENA)



Dr. Cunha Bellem

† em 12 de março de 1905

Na corporação medica do exercito occupou o mais alto posto. Antigo jornalista, publicista notavel, deves-lhe o *Brasil-Portugalo* collaboração dedicada e brilhante.



D. Duarte de Alarcão

† em 10 de março de 1905

Antigo secretario da Universidade de Coimbra.



Antonio José Nunes Junior

† em 10 de março de 1905

Director do Museu de Bellas Artes e gravador emérito que foi premiado em varias exposições pelos seus trabalhos de alto valor.



Commendador Rangel da Costa

† em 11 de março de 1905

Antigo negociante no Rio de Janeiro